



RESUMOS > COMUNICAÇÕES  
Quarta-feira > 18/10 > 14:00-15:30  
Sala 2082

Monclar Valverde > [Universidade Federal da Bahia \(UFBA\)](#)

## **A morte da Arte e o renascimento da Estética**

Podemos falar de “arte” ainda hoje? Especialmente, seria legítimo classificar como arte o videoclipe que assistimos com atenção flutuante, a canção pop que ouvimos no carro ou o holograma que contornamos, ao ritmo de uma batida eletrônica, numa Bienal vanguardista? Por outro lado, por que, desde Hegel, fala-se da “morte da arte” e ela renasce sem cessar?

Enquanto isso, na vida cotidiana, quando admiramos a lua cheia, deliciamo-nos com uma comida especial ou vibramos com um gol mirabolante, misto de ousadia e habilidade, nós dizemos que este é “uma pintura” e aquelas são verdadeiras “obras de arte”. Mesmo que estejamos incertos quanto à artisticidade da paisagem, da comida ou do esporte, reconhecemos a dimensão estética desses acontecimentos, pela intensidade com que nos afetam e pela adesão que são capazes de provocar.

A teoria estética dominante, após a morte de Kant foi, predominantemente, uma filosofia das “belas artes”, responsável pela exacerbação da criatividade como um dom de personalidades geniais e pela redução da experiência estética à mera contemplação, na qual o fruidor é um coadjuvante passivo. Com a morte da arte, ou da filosofia da arte, talvez possamos experimentar o retorno da dimensão sublimada na teoria estética: a reflexão sobre a sensibilidade.

Foi mérito de Pareyson e da Estética da Formatividade mostrar que a experiência estética ligada à arte é uma forma de atividade e não uma contemplação passiva e que a recepção estética é uma ação de leitura, de interpretação, de avaliação e de fruição. Por outro lado,

ele foi o primeiro a reconhecer a artisticidade que há por trás de qualquer desempenho humano. E, assim, revelou, como horizonte, por trás da performance artística, a performatividade da própria sensibilidade ordinária, também tematizada na psicologia da Gestalt e na fenomenologia de Merleau-Ponty.

Martha D'Angelo > Universidade Federal Fluminense

### **O saber das imagens**

O objetivo do trabalho é analisar a relação pensamento-imagem nos processos de criação de René Magritte e Robert Rauschenberg. Na produção do primeiro o foco da abordagem é a desconstrução das convenções sobre as quais se sustentam a linguagem das palavras e a linguagem visual. Em seguida, nas apropriações de imagens de Robert Rauschenberg, o destaque é o seu desejo -amplamente comentado na literatura especializada- de trabalhar "no intervalo entre a vida e a arte". A partir dessas referências, indicaremos em que sentido as imagens dos dois artistas podem ser consideradas marcos significativos na história da arte contemporânea. O saber e o poder das imagens será problematizado e discutido num diálogo com os artistas. A intenção deste exercício crítico é identificar os elementos que sustentam a força expressiva das imagens de Magritte e Rauschenberg, como o pensamento opera no fazer artístico de cada um, e em que medida essa experiência contém uma teoria da arte. A tese apresentada é que, ao relacionar pensamento e imagem, Magritte e Rauschenberg empreendem um progressivo esforço de dissolução das formas contemplativas e estetizantes próprias ao sistema de arte. Dessa forma, vai se firmando em ambos uma base conceitual que amplia a capacidade de organizar poeticamente a realidade.

Pedro Duarte > PUC-Rio

### **O fim da arte no Modernismo de Mário de Andrade**

Influenciado pelo Romantismo alemão oriundo da virada do século

XVIII para o XIX, o escritor Mário de Andrade concebia a arte como fundamento da sociedade no Brasil do início do século XX. Sua atividade como poeta, crítico e pesquisador do folclore tinha em vista encontrar fontes populares que possibilitassem atrelar a arte à cultura nacional. Nos anos 1920, seu esforço modernista era conectar um ímpeto de vanguarda a uma investigação sobre o Brasil. Porém, a década de 1930 representou a quebra desse projeto. O diagnóstico de Mário de Andrade era que, apesar das conquistas de linguagem e de consciência nacional, a arte moderna se perdera da finalidade de servir de base para a sociedade. O projeto de futuro que juntava a arte e o Brasil em poemas como "O poeta come amendoim" e romances como "Macunaíma" deu lugar para a autocrítica contundente do Modernismo, em ensaios como "O artista e o artesão" ou "O movimento modernista". O que Mário de Andrade constata é um distanciamento entre obras de arte e sociedade, entre a poesia e o povo, adaptando para o Brasil o diagnóstico que a filosofia de Hegel pronunciara no século XIX sobre a perda de centralidade da experiência da arte na vida coletiva da época moderna, o que ficou conhecido como fim ou morte da arte. Diante disso, Mário de Andrade identificou três saídas, conforme percebeu Eduardo Jardim: uma produção artística menos individualista; um engajamento político direto sem estética; e uma poesia desinteressada que registra, com triste beleza, seu próprio fracasso. O objetivo dessa comunicação é apresentar o trajeto de Mário de Andrade dos anos heroicos do Modernismo até sua autocrítica sobre o fim da arte.